

MULHERES EMPREENDEDORAS: O OLHAR A PARTIR DO ENTORNO ENVOLVENTE DA CULTURA

Autoria

Francisco Breno Gomes Ribeiro
Administração/Centro Universitário Christus

Thais Helena Costa da Silva
Administração/Centro Universitário Christus

Tatiana Monteiro Holanda
Administração/Centro Universitário Christus

Janina Sanches
Administração/Centro Universitário Christus

Resumo

O objetivo deste artigo é conhecer sobre mulheres empreendedoras no âmbito da cultura, tomando para objeto de estudo o caso da promotora da Festa Literária de Aquiraz, Terezinha Holanda e escritoras que se destacam atualmente na Academia de Letras de Municípios do Ceará e na literatura cearense, busca-se compreender suas motivações e desafios. A hipótese lançada neste artigo é a de que acredita-se que a sociedade cearense preserva noções machistas que dificultam a mulher de empreender. Esta pesquisa adota o conceito de empreendedorismo de Hisrich, a ideia de motivação interna de Cecília Bergamini, o debate sobre feminilidade de Maria Rita Kehl, e para melhor compreensão da ação da mulher empreendedora recorreu-se a Mary Del Priore e seus estudos sobre o histórico da mulher ativa no Brasil. A metodologia desta pesquisa é de natureza quali-quantitativa, com base em survey, por meio da aplicação de questionário, além de análise de dados e entrevistas. Os principais resultados evidenciam que a sociedade cearense acredita que a mulher empreendedora inova, cria e muda no processo de empreender, embora ainda encontre grande oposição por parte da sociedade.

ÁREA TEMÁTICA 2: EMPREENDEDORISMO, STARTUPS E INOVAÇÃO

**MULHERES EMPREENDEDORAS: O OLHAR A PARTIR DO ENTORNO
ENVOLVENTE DA CULTURA**

Resumo: O objetivo deste artigo é conhecer sobre mulheres empreendedoras no âmbito da cultura, tomando para objeto de estudo o caso da promotora da Festa Literária de Aquiraz, Terezinha Holanda e escritoras que se destacam atualmente na Academia de Letras de Municípios do Ceará e na literatura cearense, busca-se compreender suas motivações e desafios. A hipótese lançada neste artigo é a de que acredita-se que a sociedade cearense preserva noções machistas que dificultam a mulher de empreender. Esta pesquisa adota o conceito de empreendedorismo de Hisrich, a ideia de motivação interna de Cecília Bergamini, o debate sobre feminilidade de Maria Rita Kehl, e para melhor compreensão da ação da mulher empreendedora recorreu-se a Mary Del Priore e seus estudos sobre o histórico da mulher ativa no Brasil. A metodologia desta pesquisa é de natureza quali-quantitativa, *com base em survey*, por meio da aplicação de questionário, além de análise de dados e entrevistas. Os principais resultados evidenciam que a sociedade cearense acredita que a mulher empreendedora inova, cria e muda no processo de empreender, embora ainda encontre grande oposição por parte da sociedade.

Palavras-chave: Mulher empreendedora. Cultura. Sociedade.

Abstract: The objective of this article is to learn about women entrepreneurs in the field of culture, taking as object of study the case of the promoter of the Festa Literária de Aquiraz, Terezinha Holanda and writers who currently stand out in the Academy of Letters of Ceará Municipalities and in literature from Ceará, it seeks to understand its motivations and challenges. The hypothesis put forward in this article is that it is believed that Ceará state society preserves macho notions that make it difficult for a woman to undertake. This research adopts the concept of entrepreneurship of Hisrich, the idea of internal motivation of Cecilia Bergamini, the debate on femininity of Maria Rita Kehl, and to better understand the action of the entrepreneurial woman, Mary Del Priore and her studies on the history of the active woman in Brazil. The methodology of this research is qualitative and quantitative, based on a survey, through the application of a questionnaire, as well as data analysis and interviews. The main results show that the Ceará society believes that the entrepreneurial woman innovates, creates and changes the process of entrepreneurship, although she still finds great opposition from society.

Keywords: Entrepreneurial woman. Culture. Society.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é conhecer sobre mulheres empreendedoras no âmbito da cultura cearense e buscar compreender suas motivações e desafios. Este estudo visa conhecer como a mulher empreendedora é percebida pela sociedade na cultura cearense e analisar como elas empreendem nessa área temática.

Teoricamente, adotou-se o conceito de motivação intrínseca de Cecília Bergamini (1990), pois segundo a autora a motivação é sempre interna, interior à pessoa e independente dos estímulos externos. Para melhor compreensão da ação de mulheres empreendedoras, adotou-se também a teoria do empreendedorismo de Robert D. Hisrich (2009), o qual sustenta que o empreendedor é aquele que está “entre”, ou seja, é um intermediário que promove um processo de criação no sentido de criar algo novo, de valor. No processo de empreender, envolvendo mais do que uma simples solução de problemas administrativos, o empreendedor deve encontrar, avaliar, desenvolver oportunidades, superando as forças, os desafios que resistem à criação de algo novo.

Para o debate sobre feminilidade adotou-se contribuições de Maria Rita Kehl (2008), e para melhor compreensão da ação de mulheres empreendedoras brasileiras recorreu-se a Mary Del Priore (1994) e seus estudos sobre o histórico da mulher ativa no Brasil.

A metodologia desta pesquisa é de natureza quali-quantitativa, com base em survey. Para a coleta de dados, de natureza qualitativa, realizou-se seminário sobre o empreendedorismo da mulher cearense, com a participação de empresárias premiadas pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), além de entrevista com Dora Andrade, empresária do terceiro setor e fundadora da Escola de Dança e Integração Social para Criança e Adolescente (EDISCA); participação do prêmio Mulheres Empreendedoras do Setor Literário, na Academia de Letras dos Municípios do Ceará (ALMECE); e entrevista com a fundadora da Festa Literária de Aquiraz (FLAQ), Secretária de Educação do Município. Na metodologia quantitativa, fez-se coleta de dados por meio da aplicação de questionários visando conhecer o que a sociedade cearense pensa acerca da mulher empreendedor.

2 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE MULHERES: DA RESISTÊNCIA AO EMPREENDEDORISMO E O DEBATE TEÓRICO.

Podem escandalizar-se os sociólogos e toda gente mais: para o século XXI eu prevejo a vitória social das mulheres. As mulheres deixarão de ser o elemento secundário na sociedade e na família para assumir a vanguarda de todos os atos e de todos os acontecimentos [...] (Rachel de Queiroz, 1940).

Ao estudar a mulher na história do Brasil encontra-se uma abundante produção de obras elogiosas às mulheres. Isso pretendia encobrir as verdadeiras intenções por trás das palavras, que visavam melhor “domesticá-las” para a vida do lar e criar um modelo de corpo feminino obediente e recatado (MARY DEL PRIORE, 1994). A autora se refere à obra de Diogo de Paiva de Andrade (1782) “Instrução às senhoras casadas para viverem em paz e quietação com seus maridos”, referindo-se a que era permitido ao marido aconselhar a sua mulher e castigá-la se ele achasse que ela o merecia, o que nos fez perceber que a pureza física e mental das mulheres ia mais além dos textos sacros e profanos invadindo a comunicação colonial.

A autora sustenta que o modelo ideal de mulher que a sociedade tentava impor aderiu-se à hipocrisia. No entanto, resistindo ao poder da igreja e da sociedade regida pelos homens, as mulheres recorriam a tribunais eclesiásticos para separar-se de seus maridos, noivos, amantes e namorados; também resistindo ao modelo exclusivo de matrimônio respondiam com o adultério e através de testamentos revelavam outras faces de seu comportamento ao fazer conhecidos filhos bastardos.

Mary Del Priore também cita Nísia Floresta Brasileira Augusta, nordestina, casada aos 13 anos, desprezada pela família por ter se separado de seu marido um ano após o matrimônio e mesmo assim continuou ajudando sua família financeiramente ensinando em um colégio. Ela foi responsável por uma publicação sobre o preconceito da sociedade brasileira contra a mulher, "Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens" publicado em 1832. A autora denunciava que "se perguntássemos a opinião dos homens a respeito das mulheres eles diriam aquele velho conceito que já está enraizado na cultura da sociedade de que as mulheres só servem para cuidar dos filhos e da casa e para satisfazer e obedecer aos anseios masculinos (...)" (S/d, p. 144)

De fato, nas sociedades ocidentais industrializadas, elas eram vistas como objetos para satisfazer aos homens, cuidar da casa e ter filhos fortes e saudáveis. Segundo Kehl (2008, p. 48), as mulheres eram vistas como feras que possuíam características próprias de sua natureza e precisavam ser domadas pela sociedade que já determinava seu destino desde o nascimento, a maternidade, e impondo-lhes ocupar um único lugar social que era a família e o espaço doméstico.

Ao redor do mundo essas afirmações de tentar reafirmar o verdadeiro lugar das mulheres causaram uma grande inquietação. As mulheres começaram a ter consciência de sua própria autonomia, o que fez com que elas reagissem, causando o que foi visto no século XVII como um início de uma desordem social, eclodindo no século XVIII na revolução francesa quando elas saíram às ruas para reivindicar sua participação cívica e desobediência revolucionária. O monarquista De Bonald afirmava que estas atitudes extremas arruinaram a sociedade natural onde a mulher era vista como um súdito, alguém que está ali para servir e se submeter às vontades do homem que detinha o poder (Kehl, 2008 p. 49 e 50).

Na Inglaterra e depois na Alemanha, as mulheres não aceitavam a submissão ao casamento e nem a ideia de que deveriam estar em casa aprisionadas cuidando dos filhos, o que fez com que elas cultivassem uma outra forma de viver. Enciclopedistas pregavam a igualdade entre os sexos; ideia essa que era respeitada no estatuto da mulher no casamento e na família. A partir disso, desde cedo as crianças escutavam que pai e mãe deveriam ter os mesmos direitos e a mesma autoridade. Rousseau já dizia em sua obra "Contrato Social" que as mulheres deveriam ser livres para escolher o marido que quisessem e que essas escolhas deveriam se basear em critérios inclusive românticos, com base no amor (Kehl, 2008 p. 51).

Kehl cita Condorcet, no qual diz que as mulheres podem passar boa parte de sua vida se sentindo igual aos homens mas só poderiam ser consideradas como tal se elas não tivessem sido excluídas das experiências masculinas pela educação e pelas convenções sociais. Diante desta equiparação subjetiva, Wollstonecraft também dizia que as qualidades humanas independiam de sexo afirmando que "não existe sexo nas almas" (Kehl, 2008 p. 56)

Mais tarde, muitas mulheres fizeram afirmações parecidas apoiando os ideais de Wollstonecraft. A feminista inglesa Frances Wright escreveu ao amigo Lafayette que "a mente não tem sexo, a não ser aquele que o hábito e a educação lhe dão". Em 1837, a escritora francesa Aurore Dupin escreveu ao seu amigo Frédéric Girard que

“poderia fazer muitas coisas importantes se não tivesse tido a infelicidade de nascer mulher”. Em 1856, Louise May Scott escreveu em seu diário que tinha alma de homem no corpo de mulher, que seu espírito era masculino e que tinha nascido com o gênero errado (Apud Kehl, 2008 p. 56).

Segundo a filósofa paulistana Marilena Chauí (2000, p. 92), a sociedade brasileira possui uma classe dominante que não mede esforços para defender a esfera pública de qualquer reivindicação, o que acarretou muita resistência para aceitar as reivindicações advindas das mulheres, pois nas relações sociais sempre existem aqueles que acreditam que são superiores e que detêm poderes para explorar de forma física e psíquica aqueles que acreditam ser inferiores, neste caso as mulheres, feitas para obedecer, se sujeitar a estar sempre na condição de desprotegida (p. 89).

Ao falarmos da sociedade brasileira é crucial destacar que a mesma sempre acredita que o autoritarismo é um acontecimento político, sempre acusa e coloca a culpa na política dominante, entretanto, não reflete que o pano de fundo do comportamento político é ela própria (Marilena Chauí, 2000 p. 90).

Segundo Chauí (2000), as divisões sociais são sempre aceitas como algo natural, pois seria interessante manter as mulheres em um nível inferior. Tudo isso fez com que fosse naturalizada a crença de violência que muitas vezes acabam ficando “invisíveis” aos olhos da sociedade e da justiça, uma vez que tudo isso é o reflexo da aceitação da mulher como alguém sem direito de voz e direito de justiça.

Marilena Chauí completa enfatizando que: Para os grandes, a lei é privilégio; para as camadas populares, repressão. Por esse motivo, as leis são necessariamente abstratas e aparecem como inócuas, inúteis ou incompreensíveis, feitas para serem transgredidas e não para ser cumpridas nem, muito menos, transformadas (2000, p.90).

Estas crenças condicionavam as mulheres a viverem sem outras perspectivas a não ser de casar e administrar o seu lar. Pouco tempo atrás as mulheres ainda eram tratadas como seres inferiores. A partir das manifestações dos anos 60 do século XX elas reivindicaram ser ouvidas, ser tratadas como os homens, afinal todos são seres humanos. No Brasil, as lutas pelo reconhecimento da cidadania dos anos 60, resultaram em conseguir o direito de frequentar instituições de ensino superior e batalhar por uma formação acadêmica, mesmo contra as críticas da sociedade que detinha fortes crenças culturais, impondo o conceito de que a mulher seria afortunada somente se se casasse e tivesse filhos para cuidar.

Vale ressaltar que no Brasil, até pouco tempo, a mulher era representada juridicamente por um homem, a mesma não tinha voz, ou seja, a própria Lei condicionava a mulher ao homem, desprezando desta maneira o seu direito à cidadania. Segundo as autoras Anna Luiza Matos Coêlho e Janina Sanchez - com base no Código Civil - somente em 2002, a mulher passou a ser reconhecida como um ser com plenas condições de Direito para exprimir a sua voz e ser juridicamente responsável por si mesma, eliminando assim a sua dependência de ser representada pelo pai, marido ou o filho mais velho, confirmando uma nova ordem de igualdade (2014, p. 146).

Dessa forma, a mulher conseguiu juridicamente sua autonomia, sua liberdade, sendo justicada. Anna Luiza Matos Coêlho e Janina Sanchez, ao debater sobre a questão de gênero, mencionam: Quando o artigo 1º do Código Civil de 2002, capítulo I, Da personalidade e Da Capacidade, Título I, Das Pessoas Naturais, estabeleceu que:

Toda pessoa é capaz de direitos e deveres na ordem civil”, na verdade foi mais além de apenas oferecer reparação histórica às mulheres; ao substituir

a palavra homem por pessoa, tratando as mulheres como cidadãos, igualmente como os homens, sujeitas de direitos e deveres que respondem por seus atos e não ficam mais à mercê e à sombra do homem (pai, depois o marido, ou o filho mais velho), o artigo 1º rompeu a corrente entre a mulher e o seu destino pré-determinado pela feminilidade (2002, p. 147).

Neste sentido, segundo as autoras (ibid), depois desta mudança no artigo 1º, tratou-se de compreender que se por um lado a mulher deixou de ser subentendida no termo homem, como o representante da Humanidade, a partir de então, homens e mulheres passaram a ser mencionados pela diferença: brasileiros e brasileiras. Por outro lado, tendo sido privada por um longo tempo da representação escrita da sua voz, de suas vontades, enfim, até que ponto teria a mulher inibido a efetiva função do Eu no que diz respeito à tomada de decisões? Como a mulher faria valer a sua voz, haja vista que a mesma passou séculos representada pelo homem?

Entende-se que nem sempre o que está na Lei é aplicado efetivamente, a mudança histórica, política e jurídica onde aquela mulher que era colocada como segundo plano, que estava na sala de reunião em conversas de homens apenas para servir um chá ou café passou a ser a que na lei detinha o seu direito e não precisaria pedir a nenhum homem para representá-la agora ela própria faria isso. Só que a mudança aconteceu e a mulher não tinha preparo para resolver sozinha questões importantes, como poderia ter? Não tendo tido preparo, ensino, pois culturalmente foi educada para acreditar que eram os homens que exerciam este papel jurídico. Cresceram com a ideia de que apenas as tarefas que a sociedade julga “fáceis” tais como: ser responsabilizada pela educação e a administração de quaisquer atividades caseira competiam às mulheres. Com este histórico, supõe-se que nem elas mesmas acreditavam em seu potencial.

É evidente que apesar de tantas lutas a mulher usa sua força interna para vencer desafios e dar a volta por cima. Neste sentido as autoras Coêlho e Sanchez (com base na Constituição Federal de 1988 e do Código Civil de 2002) mencionam: A mulher encontrou espaço para sua voz no sistema jurídico, mesmo não estando habituada a expor a sua fala e a ter finalmente a sua voz respeitada, quer seja no espaço doméstico, ou por continuidade no âmbito político, mesmo em situação que não vê condições para exercer os seus direitos, passou a sentir-se mais protegida pela lei, agora não se sente mais só.

Com isso, a mulher tem tido muita garra e vem conquistando seu lugar na sociedade e por consequência no mercado de trabalho. Neste âmbito ainda há muitas diferenças em relação aos homens no que diz respeito ao tratamento e salário. Neste sentido, segundo Chauí, citando José de Souza Martins (2000, p. 92), as desigualdades salariais entre homens e mulheres [...] são consideradas normais pela sociedade. A autora sustenta que a sociedade brasileira tem as camadas populares em absoluta decadência, existindo outro viés para um grupo dominante dos homens, com absoluto privilégio (Ibid).

Segundo Malena Oliveira (O Estado de São Paulo, 2014), o Brasil é signatário de pacto global que denuncia a promoção de injustas diferenças entre homens e mulheres, porém, poucas mudanças podem ser notadas no ambiente empresarial, haja vista que há mais de uma década continua da mesma maneira. A cada cem postos existentes em cargos elevados de empresas brasileiras listadas em bolsa de valores, apenas oito cargos são ocupados por mulheres. Cabe ressaltar que esta estatística sofreu poucas mudanças nos últimos 15 anos, de acordo com estudo realizado por um grupo de pesquisadores da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo (Ibid). Percebe-se que a figura feminina vem sendo alvo de

estudos e pesquisas em todos os âmbitos, por isso os autores sentiram a necessidade de uma explanação maior para o caso da Mulher Cearense que empreende no âmbito da Cultura.

Rachel de Queiroz é uma das figuras mais importantes na literatura do Brasil e cearense, ela foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Rachel, aos sete anos, foi com os pais para o Rio de Janeiro para fugir de uma das piores secas do Nordeste que ocorreu em 1915 que serviu de tema para sua primeira obra intitulado O Quinze, que chamou atenção de São Paulo e Rio de Janeiro, recebendo críticas de vários escritores cearenses importantes e a qual lhe rendeu o prêmio da Fundação Graça Aranha. Mais tarde ela publicou várias obras e recebeu muitos prêmios significativos que a tornaram uma das mulheres mais importantes do Brasil.

3 METODOLOGIA

Tendo tido como objetivo conhecer sobre mulheres empreendedoras no âmbito da cultura, e pela hipótese de que mulheres empreendedoras são vistas pela sociedade cearense ainda pela perspectiva machista, as hipóteses colocadas contribuíram com nosso estudo, no sentido de conhecer melhor sobre ações de mulheres empreendedoras.

Desenvolveu-se a pesquisa quantitativa por meio de aplicação de questionário, junto a 266 respondentes, composto 131 homens e 135 mulheres, com idade de 15 – 25 com 65,4% (174), 26 – 35 com 21,8% (58) e mais de 36 anos com 7,51% (20) e com 5,26% (14) que não quiseram revelar a idade. O questionário foi composto por duas perguntas chave: i) quais as principais características que as mulheres empreendedoras possuem; e ii) quais as oposições que as impedem de empreender.

Para a coleta de dados, de natureza qualitativa, realizou-se seminário sobre o empreendedorismo da mulher cearense, com a participação de empresárias premiadas pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), tendo sido possível ouvir e aprender com as experiências das mesmas, além de entrevista com Dora Andrade, empresária do terceiro setor e fundadora da Escola de Dança e Integração Social para Criança e Adolescente (EDISCA), que também nos relatou a sua experiência; participação do prêmio Mulheres Empreendedoras do Setor Literário, na Academia de Letras dos Municípios do Ceará (ALMECE); e entrevista com a fundadora da Festa Literária de Aquiraz (FLAQ), Secretária de Educação do Município. Na metodologia quantitativa, fez-se coleta de dados por meio da aplicação de questionários visando conhecer o que a sociedade cearense pensa acerca da mulher empreendedor.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Análise Qualitativa – Roteiro de Entrevistas

Buscando uma melhor compressão dos resultados encontrados, na fase de entrevistas com as mulheres empreendedoras, apenas por razões de espaço, as falas das entrevistadas não serão integralmente divulgadas neste texto, trabalhando nesta seção com as sínteses interpretativas das mesmas.

No primeiro momento, no Grupo de Estudo e Pesquisa Antropologia da Administração e o Empreendedorismo da Mulher, realizou-se seminário sobre o

empreendedorismo da mulher cearense, organizada pela docente Janina Sanches na terceira jornada do Centro Universitário Christus, com a participação de empresárias premiadas pelo SEBRAE em anos anteriores, tendo sido possível ouvir experiências de quatro mulheres empreendedoras: Barbara Linard, Maria de Fatima, Renata Ary e Graça Maria Rebouças de Oliveira, onde elas descreveram os desafios que tiveram que enfrentar na sua trajetória profissional.

No segundo momento, participou-se de evento na Academia de Letras dos Municípios do Ceará (ALMECE), no qual mulheres que empreendem no setor literário foram agraciadas com prêmios. Este é um evento que agrega valor às mulheres empreendedoras, presente à cerimônia estava a Sra. Eliane Arruda, atual presidente da Academia de Letras Juvenal Galeno e ex-presidente da Academia Feminina de Letras do Ceará

No terceiro momento, visitou-se a Secretaria de Educação de Aquiraz, entrevistando a Secretária de Educação, Terezinha Holanda Costa de Freitas, atual e principal fomentadora no incentivo das crianças, jovens e população de Aquiraz no âmbito da literatura. Ela idealizou a FLAQ juntamente com duas outras mulheres empreendedoras, promoveu com certa dificuldade inicial a FLAQ – Festa Literária de Aquiraz, evento que tem como objetivo incentivar a população a conhecer mais sobre a literatura cearense, que conta com participações de grandes poetas cearenses e é um entre outros casos similares no Brasil, de eventos desta natureza, como a FLIP - Festa Literária Internacional de Paraty, a FLIPORTO - Festa Literária Internacional de Pernambuco e a FES- TIPOA - Festa Literária de Porto Alegre, entre outras. A FLAQ convida intelectuais de todo o Brasil. Há grande participação do município de Aquiraz e de municípios vizinhos, prestigiando grandes trabalhos que são expostos, na oportunidade de assistir as palestras e homenagens à grandes poetas, professores e escritores. Além da exposição das obras de jovens da cidade, que escrevem poemas e histórias inspirados na trajetória dos convidados.

A entrevista realizada com a Secretária de Educação, possibilitou identificar que a mulher do século XXI é mais independente de preconceitos extrínsecos, ou seja, a mulher deixou de se importar como é vista na sociedade e atualmente a sua motivação advém de si mesma, de sua garra, já não se deixa convencer de que a mulher serviria apenas para cuidar de afazeres domésticos.

Terezinha é uma mulher de muita garra e com bastante resiliência para enfrentar diversas dificuldades. Desde a sua infância ela era apaixonada por literatura e relatou como foi difícil conseguir custear os seus estudos, devido, a sua origem humilde. Porém, desde criança, sentia em seu coração sede de conhecimento, sabia que tinha muito o que aprender. Foi motivadora nestas horas tão difíceis a sua mãe, que era professora autodidata, sem formação. Ela ainda hoje é sua maior incentivadora e seu maior exemplo de vida e superação, e mesmo vivendo no meio rural não se deixou vencer pelas dificuldades que a família enfrentava no que diz respeito à educação.

Sua mãe foi peça fundamental no desenvolvimento do seu conhecimento e a fez ter paixão pelos livros desde a infância, tendo realizado currículo muito rico: Licenciada em pedagogia pela universidade estadual do vale do Acaraú, Especialista em administração escolar pela UVA, Especialista em leitura e formação do leitor, pela Universidade Federal do Ceará e Especialista em administração de escolas públicas - UDESC. Terezinha é uma figura importantíssima para o Município de Aquiraz. Antes de chegar ao cargo de Secretária de Educação, ela passou por todos os setores da prefeitura municipal, analisando e vendo as necessidades individuais de cada setor.

Por consequência de seu conhecimento e por meritocracia, passou a ser Secretária de Educação de Aquiraz.

Outras mulheres empreendedoras poderiam ser citadas no campo literário, escolhamos destacar Maria Argentina, ex-presidente da Academia Feminina de Letras do Ceará (AFELCE) e Giselda Medeiros, professora, coordenadora e poeta, que nos concederam uma entrevista de quatro perguntas, respectivamente.

A primeira pergunta parte do princípio que o empreendedorismo é transformar para melhor. Como você vê o empreendedorismo da mulher que, como você, empreendeu na literatura? “Acho o empreendedorismo da mulher na literatura cearense um ponto muito positivo, pois as pessoas precisam de cultura especialmente no campo da literatura. A mudança do ser humano começa pela cultura que é onde todos aprendem a ser cidadãos.”

A segunda Pergunta: Qual você considera que é o maior desafio para a mulher que empreende na literatura? “Atualmente é a divulgação de seus trabalhos, mostrar e levar para as pessoas a sua arte pois os editoriais de revistas e jornais são caros e a secretaria de cultura do governo não investe na literatura.”

A Terceira Pergunta: Quem é para você, um exemplo de mulher empreendedora? “Yolanda Queiroz por ser uma mulher batalhadora e resiliente que não se deixa abater pelos desafios e Giselda Medeiros uma escritora muito talentosa, com um talento nato e por possuir veia poética”

A Quarta Pergunta: Quem você considera que foi seu (sua) maior incentivador(a)? “meu marido, me casei muito nova e logo em seguida perdi meus pais e ele sempre esteve ao meu lado me apoiando em todas as decisões da minha vida, como quando eu fiz quatro faculdades e depois quando decidi fazer especializações. Outra pessoa que admiro muito é Juarez Leitão, um historiador e professor maravilhoso e muito talentoso”.

Giselda Medeiros, professora, coordenadora e poeta, iniciou na poesia com apenas 10 anos de idade e nos concedeu uma entrevista de quatro perguntas. A primeira pergunta: Considera-se que empreendedorismo é transformar para melhor. Como você vê o empreendedorismo da mulher que, como você, empreendeu na literatura? “Eu vejo de maneira satisfatória, pois a mulher sofreu muita discriminação no passado, onde para escrever ou publicar alguma coisa elas usavam codinomes de homem e hoje elas superam desafios e estão crescendo cada vez mais no ramo da literatura.”

A segunda Pergunta: Qual você considera que é o maior desafio para a mulher que empreende na literatura? “Conquistar um público leitor, pois não adianta escrever um livro e não haver leitores para lê-lo o que não é lido não é lembrado, o que dá vida aos livros são os leitores.”

A Terceira Pergunta: Quem é para você, um exemplo de mulher empreendedora? “Rachel de Queiroz, por ser uma mulher batalhadora e que desde de muito jovem já escrevia, e com apenas dezoito anos escreveu seu primeiro livro “O Quinze”, que ganhou diversos prêmios muito importantes e mais tarde se tornou a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.”

A Quarta Pergunta: Quem você considera que foi seu (sua) maior incentivador(a)? “Na vida pessoal foi minha mãe, que sempre me apoiou e me incentivou a gostar de literatura desde muito jovem, pois como professora ela sempre me dava bons livros e bons exemplos e assim eu fui gostando cada vez mais de poesia e já havia decidido que me tornaria: escritora. Este ano eu vou lançar o livro: “Caminho de Sol”, em homenagem ao centenário de Raimunda de Sousa Fernandes, minha

mãe. No campo literário quem me incentivou a escrever foi Artur Eduardo Benevides, o príncipe dos poetas e por conta dele é que sou chamada de a princesa dos poetas.”

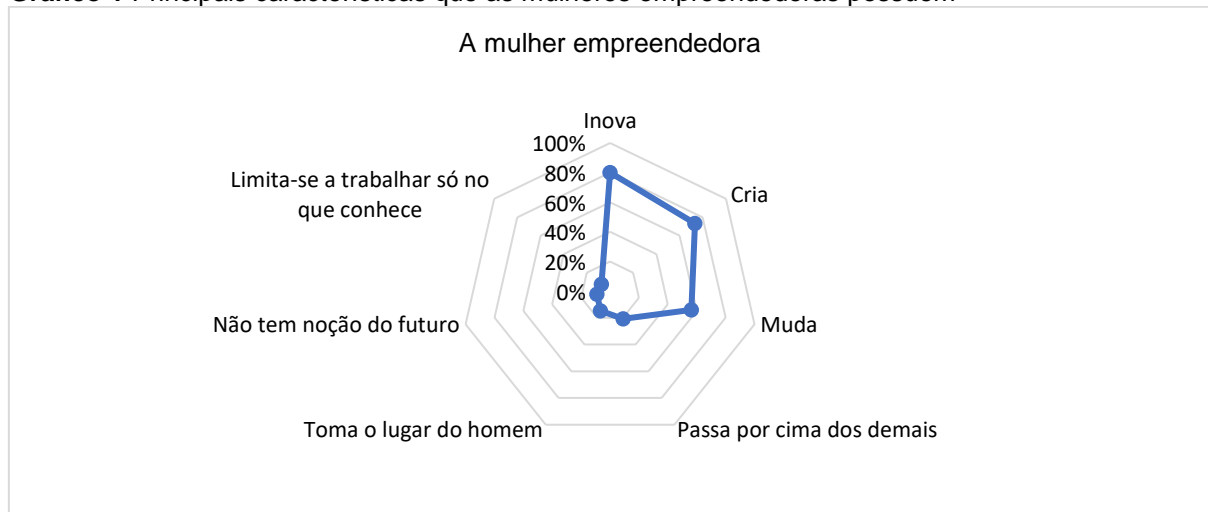
Essas mulheres se destacam pelas suas contribuições para a literatura cearense, suas trajetórias de vida e principalmente pela garra e postura com que elas enfrentaram seus desafios, pois a maioria vem de família humilde e lutaram desde muito cedo para conseguir financiar os estudos e crescer profissionalmente, mas nunca se deixaram abalar por essas dificuldades. Como diz Cecilia Bergamini (1990) mesmo que os fatores externos conspirassem contra elas buscaram a motivação interna e encontraram dentro de si a força que faltava para encarar os desafios e deixar aflorar seu potencial para a literatura. As mulheres vêm cada vez mais buscando o seu espaço na sociedade, que possui uma classe dominante e não mede esforços para defender a esfera pública de qualquer reivindicação, (Marilena Chauí, 2000, p. 92), o que acarretou muita resistência para aceitar os direitos reivindicados pelas mulheres.

Quanto às motivações para o Empreendedorismo, acreditamos que, querer fazer parte do mercado de trabalho e da sociedade, levou as mulheres em geral a querer ganhar voz na sociedade, começando pelo ambiente familiar.

4.2 Análise Quantitativa – Questionário

A pesquisa quantitativa se deu por meio de aplicação de questionário, junto a 266 respondentes, composto 131 homens e 135 mulheres, com idade de 15 – 25 com 65,4% (174), 26 – 35 com 21,8% (58) e mais de 36 anos com 7,51% (20) e com 5,26% (14) que não quiseram revelar a idade. O questionário foi composto por duas perguntas-chave: i) quais as principais características que as mulheres empreendedoras possuem; e ii) quais as oposições que as impedem de empreender. Os dados permitiram a construção dos gráficos de radar para as duas perguntas-chave. As alternativas indicadas em cada pergunta poderiam ser marcadas sem restrições.

Gráfico 1 Principais características que as mulheres empreendedoras possuem

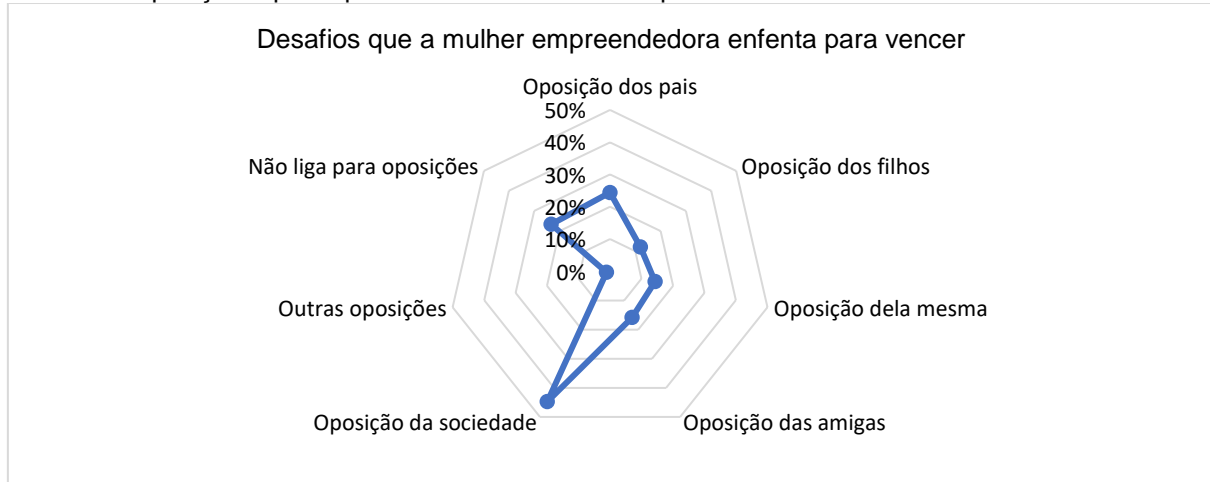


Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Pode-se observar no Gráfico 1 que para 80%, 73% e 56% dos respondentes, a mulher empreendedora Inova, Cria e Muda, respectivamente. É importante também observar que 21% dos respondentes afirmam que a Mulher Empreendedora “passa por cima dos demais”; 15% afirmam que “tomam o lugar do homem”; 9% que “não tem

noção do futuro” e 8% afirmam que a Mulher Empreendedora “limita-se a trabalhar só no que conhece”.

Gráfico 2 Oposições que impedem as mulheres de empreender



Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Pode-se observar no Gráfico 2 que para 45% dos respondentes, a maioria neste caso, afirmam que a “oposição da sociedade” se trata da maior característica impeditiva para a Mulher Empreendedora. A “oposição dos pais”, com 24%, seguida da característica “não liga para oposições”, são as variáveis com maior percentual na percepção dos respondentes. Na maioria das vezes é no âmbito familiar que a mulher encontra apoio quando busca empreender, entretanto observando os dados, a maioria dos respondentes destaca que a maior oposição que elas enfrentam é a oposição da sociedade, que julgam ser machista.

5 CONCLUSÃO

A partir do estudo realizada nas dimensões Mulheres Empreendedoras e Sociedade, percebeu-se que a sociedade cearense acredita que a Mulher Empreendedora inova, cria e muda a sociedade no seu processo de empreender. Evidenciou-se, também, que as mulheres têm o apoio de suas famílias no processo de empreender, contudo paradoxalmente, na cultura, a sociedade cearense é a que mais se opõe a mulher empreendedora ao preservar comportamentos de tempos anteriores, machistas, como a pouca confiança no empreendedorismo da mulher. No mercado de trabalho, observam-se baixos salários em comparação com os homens, escassez de grandes oportunidades, dentre outros.

No que diz respeito ao processo de empreender, a mulher é inovadora, cria e muda cenários administrativos. Este trabalho confirma a hipótese lançada de que a mulher cearense é uma mulher que enfrenta desafios para alcançar suas metas, tendo sido para nós, discentes do curso de graduação em Administração, uma experiência reveladora, no qual nos mostrou, em primeiro lugar, a opinião surpreendente da sociedade, nos possibilitando perceber os pontos de vistas de diferentes mulheres empreendedoras e no decorrer das entrevistas também os pontos em comum.

Ademais, sugere-se, para pesquisas futuras, o aprofundamento de estudos sobre a importância do novo posicionamento que as mulheres estão adotando, de maior independência frente às pressões da cultura e da sociedade e como ambos, Mulher Empreendedora e sociedade, como todo, enxerga isso.

6 REFERÊNCIAS

BERGAMINI, C. W. Motivação: Mitos, Crenças e Mal-entendidos. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, v. 30, n. 2, abr-jun, 1990.

CHAUÍ, Marilena. Brasil: **Mito Fundador e Sociedade Autoritaria**. 1. Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. P. 89 – 93. Bibliografia: ISBN 8586469270

HISRICH, Robert D. **Empreendedorismo**. Tradução: Teresa Felix de Souza 7. Ed. Sao Paulo: Bookman, 2007. P. 30, 31. Bibliografia: ISBN 978-0-07-321056-8

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008. p 47 – 51. Bibliografia: ISBN 978-85-312-1012-7

MATTOS COELHO, Anna Luíza e SANCHES, Janina. **1988 a 2002 a constitucionalização do direito civil brasileiro**. 1. Ed. Fortaleza: Unichristus, 2014. P 146 e 147. Bibliografia: ISBN 978-85-99562-46-8

OLIVEIRA, Malena. **Cotas para Mulheres em Cargos de Gestão Dividem Opiniões**. São Paulo: O Estado de S. Paulo, nov. 2014. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/governanca,cotas-para-mulheres-em-cargos-de-gestao-dividem-opinioes,1589058>>. Acesso em: 14 set. 2017.

PRIORE DEL, Mary. **A Mulher na História do Brasil**. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 1994. (coleção repensando a história). P. 16, 17, 20. Bibliografia: ISBN 85-85134-11-9